

EM TORNO DE UMA POÉTICA ^{DO/NO} PENSAMENTO

Sílvio Gallo¹

Este texto é atravessado por uma interrogação, que se desdobra em duas: será possível pensar uma poética *do* pensamento? E sua dobra: será possível pensar uma poética *no* pensamento? Ele está cravado no tempo, em nosso tempo: é do pensamento hoje e de uma poética contemporânea que ele trata. Porém, para pensar o exercício da poética hoje, será necessário buscar suas origens; compreender as relações da poética com o pensamento desde outros tempos é fundamental para poder pensar a questão nos dias atuais.

Uma poética nos fala desde tempos imemoriais

Desde a antiguidade clássica grega, o pensamento é *logos*, ordenação da palavra. Mas, e nos tempos pré-lógicos? Que pensamento implicava a poética em suas origens, antes do império do *logos*? Pode-se dizer que a poética foi uma das primeiras formas de organização do pensamento, antes mesmo do *logos*. Ela consistiu em um conjunto de técnicas, de habilidades a serem desenvolvidas para exercitar o uso da palavra, ainda no registro da oralidade, como forma de garantir a acumulação e a transmissão de saberes.

Nesse registro, a poética apresentava-se como mnemotécnica: rima, ritmo, métrica eram técnicas utilizadas para organizar o pensamento e possibilitar a lembrança, com maior facilidade. Da infinidade de exemplos que poderia escolher, opto por um contemporâneo, uma canção de Caetano Veloso, da qual destaco um trecho:

Eu queria querer-te e amar o amor
Construir-nos dulcíssima prisão
Encontrar a mais justa adequação
Tudo métrica e rima e nunca dor
Mas a vida é real e é de viés
E vê só que cilada o amor me armou
Eu te quero (e não queres) como sou

¹ Professor Associado da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas e Pesquisador do CNPq. Coordenador do D/S – Grupo de Estudos e Pesquisas Diferenças e Subjetividades em Educação.

Não te quero (e não queres) como és
(Caetano Veloso – *O querer*)

Esses versos foram escolhidos para exemplificar a poética porque, além de exemplificá-la, nos coloca a pensar sobre ela: “tudo métrica e rima e nunca dor”, como se na mecânica poética (a métrica e a rima) imperasse o regime do prazer, afastando definitivamente a perspectiva da dor. Neles, percebemos a maquinaria poética em funcionamento. O poeta exercita a métrica e a rima, além da melodia, por se tratar de uma canção. Os versos são complexos, com bons jogos de palavras; mas, se fazemos o exercício de ouvir a canção, ela não nos sai da cabeça. Ou, se lermos algumas vezes a sequência de versos, atentando para sua métrica, certamente eles são gravados em nossa memória, de forma mais fácil do que gravamos um texto com a mesma quantidade de palavras, mas que não tenha métrica e rima.

Pensar a poética como mnemotécnica nos coloca no âmbito daquilo que os antigos gregos denominavam como *mythos*, a palavra falada, no contexto da oralidade. O *mythos* implica numa narrativa e para que essa narrativa fosse facilmente memorizada entrava em cena a poética como *tekhné* de pensamento da oralidade. O uso da poética diz respeito a uma arte da memória, mas também diz respeito a um processo de divagação-criação. A poética grega, consolidando as narrativas míticas ancestrais, constitui o berço da sociedade ocidental.

Um dos trabalhos mais instigantes a que podemos recorrer para pensar a poética no âmbito da oralidade é o de Pierre Lévy, *As tecnologias da inteligência*. Sem pretender passar em revista sua obra, o filósofo nos apresenta a seguinte tese: na história da humanidade, podemos perceber claramente três grandes momentos que dizem respeito ao pensamento e que ele denomina como “três tempos (ou polos) do espírito”: a Oralidade primária; a Escrita; e a Informática (que engloba a mídia). Cada um desses polos produz distintas “tecnologias da inteligência”, ferramentas que nos permitem pensar, que possibilitam usar melhor o pensamento. Essas ferramentas conformam nossa própria maneira de pensar e a transição de um polo a outro implica em reconfigurar nossos modos de pensar, ainda que continuemos a utilizar, mesmo que de modo restrito ou localizado, uma ou outra *tekhné* de momentos anteriores.

Pensar a poética como *tekhné* da oralidade, como uma de suas tecnologias da inteligência, portanto, implica em afirmar sua filiação a esse momento antigo do pensamento, suplantado depois pelas tecnologias relativas à escrita e, contemporaneamente, nas últimas décadas, com um predomínio cada vez maior das tecnologias da inteligência relativas ao polo midiático-informático. O que não significa, porém, seu desaparecimento. A poética pode ser reatualizada hoje, e certamente o é, ainda que muito mais no campo das artes, embora seja comum que professores façam uso de técnicas de memorização de natureza poética para exercitar seus alunos.²

Lévy nos apresenta várias comparações entre os três polos do espírito. Em dado momento, apresenta um amplo “quadro recapitulativo” em que coloca lado a lado as características básicas de cada um dos três polos, segundo certas categorias. Apresento a seguir uma versão sintética desse quadro, recortando apenas as categorias de tempo e de saber, de modo a compreendermos as dimensões da poética, no polo da oralidade, frente aos demais.

	POLO DA ORALIDADE PRIMÁRIA	POLO DA ESCRITA	POLO INFORMÁTICO-MIDIÁTICO
<i>Figuras do tempo</i>	Círculos	Linhas	Segmentos, pontos
<i>Formas canônicas do saber</i>	<ul style="list-style-type: none"> - Narrativa - Rito 	<ul style="list-style-type: none"> - Teoria (explicação, fundação, exposição sistemática) - Interpretação 	<ul style="list-style-type: none"> - Modelização operacional ou de previsão - Simulação

(Cf. Lévy, *As tecnologias da inteligência*, p. 127, resumo)

Numa sociedade marcada pela oralidade, o tempo é vivido numa perspectiva circular; ele é presidido pela memória e aguarda-se por certos

² Penso, por exemplo, nos professores de cursos pré-vestibulares (embora não apenas eles façam isso) que transformam certos conteúdos em verdadeiros “poemas” com métrica e rima para facilitar a memorização. Alguns chegam mesmo a musicar os versos ou então adaptá-los a melodias conhecidas dos estudantes. Em meio a tecnologias digitais cada vez mais sofisticadas, permanece em nossas escolas essa ancestral tecnologia poética...

acontecimentos, que devem se repetir. A título de exemplo, e para sair da referência exclusivamente grega, temos o fenômeno da “volta do Messias” na sociedade judaica. Espera-se pela repetição de ciclo, que é anunciado pela memória de algo que não foi vivido por aquelas pessoas, mas transmitido, geração a geração, pelas narrativas orais. O saber, por sua vez, é enunciado na forma de narrativas, e como já vimos, elas são marcadas pela *tekhné* da poética, o que implica numa ritualização dos saberes, em sua circularidade, assim como se dá com o tempo.

Pierre Lévy refere-se a uma “oralidade primária” para falar do uso da palavra em uma sociedade que ainda não adotou a escrita, enquanto a “oralidade secundária” diz respeito ao uso da palavra em sociedades centradas na escrita, nas quais a oralidade se torna complementar. E comenta:

Numa sociedade oral primária, quase todo o edifício cultural está fundado sobre as lembranças dos indivíduos. A inteligência, nestas sociedades, encontra-se muitas vezes identificada com a memória, sobretudo com a auditiva. A escrita suméria, ainda muito próxima de suas origens orais, denota a sabedoria representando uma cabeça com *grandes orelhas*. Na mitologia grega, Mnemosina (a Memória) tinha um lugar bastante privilegiado na genealogia dos deuses, já que era filha de Urano e Gaia (o Céu e a Terra), e mãe das nove musas. Nas épocas que antecediam a escrita, era mais comum pessoas inspiradas ouvirem vozes (Joana D’Arc era analfabeta) do que terem visões, já que o oral era um canal habitual da informação. Bardos, aedos e griots aprendiam seu ofício *escutando* os mais velhos. Muitos milênios de escrita acabarão por desvalorizar o saber obtido oralmente, pelo menos aos olhos dos letrados. Spinoza irá colocá-lo no último lugar dos gêneros de conhecimento. (Lévy, 1993, p. 77).

As sociedades baseadas na oralidade implicam em uma “ecologia cognitiva”, para usar uma expressão do próprio Lévy, bastante distinta daquelas que conhecemos, que são frutos de sociedades centradas na escrita e em transição para uma cultura totalmente digital. É nesta ecologia cognitiva, centrada na memória, com uma vivência circular do tempo e com o saber vivenciado em sua ritualística, que se inscreve a poética. Ela é fruto desse mundo e dessa cultura. A pergunta, então, é: como recuperar a poética hoje, em uma cultura completamente distinta, marcada por outras ecologias cognitivas?

Voltarei a isso adiante. O que importa, nesse momento, é marcar a diferença. A poética é uma *tekhné* desenvolvida em certa forma de experimentação do pensamento, distinta das nossas contemporâneas. Lévy destaca:

Os membros das sociedades sem escrita (e portanto sem escola) não são, portanto, “irracionais” porque creem em mitos. Simplesmente utilizam as melhores estratégias de codificação que estão à sua disposição, exatamente como nós fazemos. (Lévy, 1993, p. 83).

A poética era, pois, uma estratégia de codificação da oralidade, implicando em um *pensamento circular*. Não pensemos, porém, que a circularidade significa apenas repetição; ela também se abre à diferenciação. Era nesse contexto que se dava a criação: como exercício de memória, mas também como divagação, como abertura ao *devir*; vejamos uma vez mais o que nos diz Lévy (1993, p. 84):

A oralidade primária também está ligada ao devir pela forma “conto” ou “narrativa” que uma parte de seu saber toma. Os mitos são tecidos com os *fatos e gestos* dos ancestrais ou dos heróis; neles, cada entidade é atuante ou encontra-se personalizada, capturada em uma espécie de *devir* imemorial, ao mesmo tempo único e repetitivo. A memória do oralista primário está totalmente *encarnada* em cantos, danças, nos gestos de inúmeras habilidades técnicas. Nada é transmitido sem que seja observado, escutado, repetido, imitado, *atuado* pelas próprias pessoas ou pela comunidade como um todo. Além da mudança sem ponto de referência, a ação e a participação pessoais onipresentes contribuem portanto para definir o *devir*, este estilo cronológico das sociedades sem escrita.

O trabalho de Lévy consistiu em demarcar as diferenças entre os três tempos do espírito (oralidade, escrita, informática) para pensar, sobretudo, a transição que vivemos hoje da escrita para a informática, com novas ecologias cognitivas, distintas tecnologias da inteligência. Mas ressaltou também a permanência de certas destas tecnologias nas ecologias cognitivas posteriores; cita, como exemplo, o fato de que vários filósofos escreveram textos que mantiveram traços típicos da oralidade: Platão, Galileu, Hume, Tomás de Aquino, dentre outros (Lévy, 1993, p. 85).

O que quero ressaltar é que a poética, tecnologia criada no contexto da oralidade, sobreviveu no âmbito da escrita e segue sobrevivendo no âmbito da informática. É certo que já não desempenha os mesmos papéis de outrora, mas segue sendo uma força de criação. No entanto, há tempos que ela já não possui

centralidade em nossas experiências de pensamento. Pensamos de outros modos, que muitas vezes afastam e mesmo recusam a poética. A questão, de novo, consiste em indagar: como exercitá-la, experimentá-la hoje?

O logos “em oposição” à poética...

Com a invenção de uma nova tecnologia da inteligência, a **escrita**, irrompeu uma nova maneira de pensar: o *logos*, que produziu diferenças muito significativas em relação ao *mythos*. Se neste temos como centro a palavra narrada oralmente, a nova forma de experimentar o pensamento trouxe a palavra escrita como *tekhné* de suporte da memória e as palavras começaram a ser tomadas de forma cada vez mais articulada e conectada. O pensamento passou a ser organizado através da conexão das palavras e não mais das narrativas circulares.

Uma nova maneira de pensar impõe-se, então, sobre as antigas técnicas e práticas: o pensamento como articulação lógica pouco a pouco vai substituindo o pensamento como narrativa. Se recorrermos uma vez mais ao quadro proposto por Lévy e aqui reproduzido páginas atrás, vemos que o saber, na ecologia cognitiva da escrita, passa a organizar-se na forma de teoria, de representação do mundo vivido, enquanto na ecologia cognitiva da oralidade ele se apresentava como narrativa ritualística. A organização do saber como teoria, que implica em explicação, fundamentação, exposição sistemática, permite que se construam interpretações. Se no domínio do *mythos* o saber ritualizava a realidade vivida, no domínio do *logos* o saber é interpretação da realidade.

Giorgio Colli apresenta a instigante tese de que a Filosofia foi uma invenção de Platão, como um gênero literário, a primeira forma de saber criada pela tecnologia da inteligência emergente, a escrita. Colli (1988, p. 17) afirma que, no domínio da oralidade, do *mythos*, “a loucura é a matriz da sabedoria”, uma vez que a sabedoria vinha do deus, em especial de Apolo, e eram os oráculos e os adivinhos, com suas palavras sempre cifradas, os escolhidos para enunciar a palavra do deus.

Na palavra, manifesta-se ao homem a sabedoria do deus, e a forma, a ordem, o nexos em que se apresentam as palavras revela que não se tratam de palavras humanas, e sim de palavras divinas. Daí o

caráter exterior do oráculo: a ambiguidade, a obscuridade, as alusões de árdua decifração, a incerteza. (Colli, 1988, p. 12)

Ainda antes de Platão, os sábios antigos (Parmênides, Heráclito, Zenão, dentre outros) começaram a exercitar o *logos* como a construção de um discurso racional, distinto do *mythos* como a palavra do deus ou dos heróis. Mas isso foi feito ainda no domínio da ecologia cognitiva da oralidade, marcada pela poética; não é por acaso que os poucos escritos de tais sábios sigam a forma do poema. Uma transição que se fez através da retórica, especialmente com Górgias, ainda que também permanecesse no domínio da oralidade. Pouco a pouco, a escrita, recém-inventada pelos gregos, vai ganhando importância e expressividade. Segundo Colli (1988, p. 88), “quando a linguagem dialética torna-se pública, a escrita, de instrumento mnemônico que era, passa a adquirir cada vez mais uma autonomia expressiva”. E é essa autonomia, implicada em uma forma de exercitar o pensamento totalmente nova, que vai constituir uma literatura: a Filosofia.

[...] em Górgias a dialética sugere, ao menos em parte, que se tornará literatura. Mas é só com Platão que o fenômeno se declara abertamente. Este é um grande acontecimento, e não apenas no âmbito do pensamento grego. Platão inventou o diálogo como literatura, como tipo particular de dialética escrita, de retórica escrita, que, num quadro narrativo, apresenta a um público indiferenciado os conteúdos de discussões imaginárias. A esse novo gênero literário, o próprio Platão chama pelo novo nome de “filosofia”. (Colli, 1988, p. 91-92).³

Nova ecologia cognitiva, novas ferramentas, outras formas de exercitar o pensamento, portanto. E se na oralidade a poética desempenhava um papel central, nessa nova ecologia cognitiva ela perde espaço, chegando mesmo a quase sair de cena. É bastante conhecida a passagem do livro X da *República*, de Platão, em que o filósofo está se ocupando de planejar a cidade perfeita e diz ser necessário combater os poetas e mesmo expulsá-los da cidade, por tudo aquilo de

³ Sem intenção de contrapor a interessante tese de Colli, vale destacar a ambiguidade que há em Platão em relação à escrita. Em especial, na Carta VII (Platão, 2008) está enunciada uma desconfiança em relação à escrita, em especial naquilo que tange ao exercício da Filosofia (ver especificamente os parágrafos 341-342). Interessante também destacar a análise da Carta VII feita por Foucault no curso *O governo de si e dos outros*, em especial na aula de 16 de fevereiro de 1983, na qual discute o *érgon* filosófico.

nocivo que eles representam para o pensamento.⁴ Marcação de posição em favor de uma nova *tekhné*.

Logos *versus* pathos

A poética do pensamento implica um *pathos*, uma afecção: pensar e sentir não estão alijados; o pensamento é um incorporeal, mas resultante de *afecções do corpo* (Deleuze, 1998)⁵: pensamos porque sentimos, porque somos afetados por palavras, sons, cores, sensações... No pensamento, processamos essas afecções de modo a, com sua expressão, provocar outras afecções.

O pensamento lógico, porém, recusa o *pathos*, a afecção; quer ser *pensamento puro*, incorporeal, desencarnado. O pensamento lógico induz imagens do pensamento (Deleuze, 2006) que definem os contornos e as possibilidades do que seja pensar. O resultado é que já não pensamos o novo, mas repetimos aquilo que já foi pensado... Somos colocados (ou nos colocamos) no quadro de uma imagem do pensamento, assumimos que essa é a condição para o bem pensar, para o pensar correto, mas nos limitamos a repetir, a reproduzir, sem qualquer esforço de criação.

Aqui, o exercício do pensamento na ecologia cognitiva centrada na escrita reencontra aquela circularidade presente no pensamento da oralidade. Mas, se naquele contexto era essa circularidade ritualística que permitia a criação poética, como vimos antes, agora se cai num círculo vicioso de repetição, sem qualquer chance de criação. Eis um dos efeitos da expulsão da poética dos domínios do pensamento.

Resgatar a poética no pensamento...

Para sair desse círculo vicioso, Deleuze (2006) propôs investir na produção de um “pensamento sem imagem”, virgem, genital, como possibilidade de pensar

⁴ Ver Villela-Petit, 2003: o artigo apresenta de forma bastante interessante a divergência entre a filosofia e a poesia nessa obra de Platão, mostrando suas nuances e defendendo que a poética não é de todo descartada pelo filósofo.

⁵ Em *Lógica do Sentido*, Deleuze afirma que o acontecimento é um incorporeal, mas sempre resultante do encontro de corpos, como pensado na física estoica. Tomando o pensamento como acontecimento, estou estendendo a proposição deleuziana.

o novo; como possibilidade de, de novo, pensar. Abandonar as imagens do pensamento pré-concebidas e inventar novas estratégias, novas formas de experimentar o pensamento, de experimentar *no* pensamento. Mas, como fazer isso?

Uma estratégia pode ser o resgate da poética no/do pensamento, e uma direção pode ser aquela da produção de uma “logopatia”.

A logopatia foi proposta por Julio Cabrera para pensar as potencialidades filosóficas do cinema: a produção de “conceitos-imagens” nos filmes que disparam o pensamento através da afecção que provocam no expectador. Paradoxalmente, é nesse trabalho do pensamento a partir das imagens do cinema que proponho experimentarmos a proposta deleuziana de buscar um pensamento *sem imagem*. Justamente porque as imagens implicam em *pathos*.

Cabrera se pergunta:

Existe alguma ligação interna e necessária entre a escrita e a problematização filosófica do mundo? Por que as imagens não introduziriam problematizações filosóficas, tão contundentes, ou mais ainda, do que as veiculadas pela escrita? Não parece haver nada na natureza do indagar filosófico que o condene inexoravelmente ao *meio* da escrita articulada. Poderíamos imaginar, em um mundo possível, uma cultura filosófica desenvolvida integralmente por fotografias ou dança, por exemplo. (Cabrera, 2006, p. 17).

Cabrera não está levando em conta, evidentemente, a tese de Colli de que a filosofia foi criada por Platão como um gênero literário, ou a tese de Lévy sobre os tempos do pensamento, que afirma que a filosofia é fruto da tecnologia de inteligência que é a escrita. Talvez não fosse o caso de defender a tese de Cabrera na época dos primórdios da filosofia; mas, em nossos dias, ela não fará sentido? Se seguirmos a argumentação de Lévy, vivemos hoje justamente a transição do polo da escrita para um polo midiático-informático; e é nesse contexto e nesse tempo que Cabrera está propondo se valer das imagens do cinema para exercitar a filosofia. Nessa época de transição, em que cada vez mais se consolida um pensamento que já não é nem ritualística, nem teoria, mas que vai se constituindo como modelização operacional ou de previsão, na construção de simulações de efeito local, e não de respostas universais, as imagens não podem ser um elemento importante para o pensamento?

Enfim, aqui não cabe fidelidade, nem a Colli, nem a Lévy, nem a Cabrera; mas penso que cada um deles, a seu modo, traz elementos importantes para a temática que está sendo trabalhada e podem perfeitamente ser colocados em contato, na construção desse arcabouço. Pensar com imagens para produzir um pensamento sem imagem; pensar com imagens para reintroduzir no pensamento esse *pathos* que dele foi retirado; *logopatia*, como Cabrera enuncia numa palavra.

A logopatia não prescinde do entendimento, mas introduz a dimensão da afecção, do sentimento, que estava presente na poética e que foi alijada da lógica.

[...] para se apropriar de um problema filosófico, não é suficiente entendê-lo; também é preciso vivê-lo, senti-lo na pele, dramatizá-lo, sofrê-lo, padecê-lo, sentir-se ameaçado por ele, sentir que nossas bases habituais de sustentação são afetadas radicalmente. Se não for assim, mesmo quando ‘entendemos’ plenamente o enunciado objetivo do problema, não teremos nos apropriado dele e não teremos realmente *entendido*. Há um elemento *experencial* (não ‘empírico’) na apropriação de um problema filosófico que nos torna sensíveis a muitos destes problemas e insensíveis a outros (isto é, cada um de nós não se sente igualmente predisposto, ‘experencialmente’ a *todos* os problemas filosóficos [...]). (Cabrera, 2006, p. 16-17).

Um pouco adiante, lemos:

Saber algo, do ponto de vista logopático, não consiste somente em ‘ter informações’, mas também em estar aberto a certo tipo de experiência e em aceitar *deixar-se afetar* por uma coisa de dentro dela mesma, em uma experiência vivida. De forma que é preciso aceitar que parte deste saber não é dizível, não pode ser transmitido àquele que, por um ou outro motivo, não está em condições de ter as experiências correspondentes. (Cabrera, 2006, p. 21).

O saber logopático, como o saber poético, não é *dizível*, não pode ser transmitido ao outro se este não experimentar por si mesmo. Há que experimentar as imagens para falar sobre elas, é necessário senti-las, perceber o efeito que provocam em cada um. Ler a descrição de um filme não tem qualquer paralelo com a experiência de assisti-lo. Ora, não se passa o mesmo com a poética? A arte, seja ela escrita ou de que natureza for, só faz sentido quando é experimentada por cada um. É essa experimentação, que produz afecções, que mobiliza tanto a poética quanto a logopatia. O pensamento é produzido como *efeito* dessas afecções. E por isso ele pode ser criativo, não se limitando a repetir o já pensado.

Se assumirmos a perspectiva de uma logopatia, se assumirmos o potencial do cinema para um pensamento que se produz na afecção, o mesmo potencial pode ser afirmado na música, na literatura, nas artes de forma geral. Podemos, então, experimentar a logopatia como um resgate da poética no pensamento e do pensamento. Não se trata de propor uma volta à oralidade, uma recusa da escrita; trata-se, por outro lado, de recuperar algo que se perdeu, reincorporando essa dimensão da afecção no pensamento.

Um ensaio com Tom Zé

Para finalizar, faço um pequeno exercício logopático com uma canção de Tom Zé. O leitor atento ao que foi lido até aqui já intuirá que esse exercício só será completo se ele mesmo experimentar (ouvir) a canção; então fica o convite de fazê-lo para a continuidade da leitura.

No álbum *Tropicália Lixo Lógico* (2012)⁶ Tom Zé expõe a tese de que a Tropicália, criada por Caetano Veloso e Gilberto Gil, dentre outros, no final da década de 1960 foi resultado do vazamento daquilo que ele denomina “lixo lógico” para o córtex cerebral, produzindo um pensamento novo, criativo, desestabilizador...

Como não é possível reproduzir aqui o álbum, apresento apenas a letra da canção que dá título à obra, uma vez que ela apresenta o núcleo central de sua tese.

Tropicália lixo lógico
A pureza Chapeuzinho
Passeando na floresta
Enquanto Seu Lobo não vem:
Mas o Lobo entrou na festa
E não comeu ninguém.
Era uma tentação,
Ele tinha belos motes,
O Lobo Seu Aristotes:
Expulsava todo incréu
Ali do nosso céu

⁶ Além de ouvir o álbum de Tom Zé, recomento a leitura do artigo de Antonio José Romera Valverde (2014), “Estudando Tom Zé: Tropicália e o *Lixo Lógico*”, que apresenta toda a contextualização do tema.

Não era melhor, tampouco pior,
Apenas outra e diferente a concepção
Que na creche dos analfatóteles regia
Nossa moçárabe estrutura de pensar
Mas na escola, primo dia,
Conhecemos Aristotes,
Que o seu grande pacote
De pensar oferecia
Não recusamos
Suas equações
Mas, por curiosidade, fez-se habitual
Resolver também com nossas armas a questão -
Uma moçárabe possível solução
Tudo bem, que legal,
Resultado quase igual,
Mas a diferença que restou
O lixo lógico criou
Aprendemos a jogá-lo
No poço do hipotalo*.
Mas o lixo, duarteiro,
O córtex invadia:
Caegitano entorta rocha
Capinante agiu.

*versão óbvia de nosso mais velho amigo: o hipotálamo.

O que Tom Zé denomina como “lixo lógico” é, justamente, o resultado de um outro exercício de pensamento. Mostra que as culturas nordestinas do interior do Brasil, muito oralizadas, implicavam em outras formas de pensar. Quando as crianças iam para a escola, dava-se um choque entre essa cultura, que ele caracteriza de “moçárabe”, dadas as influências ibero-arábicas, com a cultura lógica ocidental, que impunha o pensamento lógico como forma padrão. E ele brinca: as crianças resolviam os problemas pelos seus próprios métodos, que não eram nem melhores nem piores, apenas diferentes... O resultado era quase o mesmo, mas criava uma “sobra”, o *lixo lógico*... Armazenado nos sistemas mais primitivos do cérebro, responsáveis pelas sensações, em alguns momentos esse *lixo* vaza para o córtex, responsável pelo pensamento: eis a fonte da criatividade.

Penso que podemos ler nessa tese extremamente original de Tom Zé, explicitada pelas maquinarias da poética, algo análogo à proposta da logopatia: uma articulação entre *logos* e *pathos*, entre pensar e sentir, que nos possibilita a

criação do novo, o escapar das imagens de pensamento que nos enquadram e nos fazem repetir, sem criar diferença, para experimentar, de forma livre, possibilidades poéticas, que transformam radicalmente nossa experiência de pensamento.

E ela nos leva a propor uma resposta positiva para a interrogação que abriu esse texto. Sim, nesses tempos de transição da ecologia cognitiva da escrita para aquela centrada no digital (mídia e informática, segundo Lévy), em que novas ferramentas se impõem ao pensamento, é possível resgatar a poética *no* pensamento e a poética *do* pensamento, ainda que ela seja uma *tekhné* antiga, do tempo da oralidade. O resgate da poética pode se dar no contexto de uma logopatia, que implica em novas experimentações do pensar, em registro poético, que nos tiram da circularidade viciosa das imagens do pensamento para a possibilidade da criação.

Eis que vivemos um novo tempo para a poética. Expulsada do pensamento, ela retorna, invadindo domínios e provocando novas possibilidades. Um pensamento mais aberto, mais criativo, um pensamento *logopático*.

Referências

- CABRERA, J. *O cinema pensa – uma introdução à filosofia através dos filmes*. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.
- COLLI, G. *O nascimento da filosofia*. Campinas: Ed. Unicamp, 1988.
- DELEUZE, G. *Diferença e Repetição*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006.
- DELEUZE, G. *Lógica do Sentido*. 4ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- FOUCAULT, M. *O governo de si e dos outros*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.
- LÉVY, P. *As tecnologias da inteligência*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.
- PLATÃO. *A República*. 3ª ed. revisada. Belém: Ed. UFPA, 2000.
- PLATÃO. *Carta VII*. São Paulo: Loyola/Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2008.
- TOM ZÉ. *Tropicália lixo lógico*. Produtor: Daniel Maia. São Paulo: Tom Zé, 2012. 1 CD. Acompanha encarte.
- VALVERDE, A. J. R. *Estudando Tom Zé: Tropicália e o Lixo Lógico*. In: Revista de Filosofia Aurora, Curitiba, v. 26, n. 39, p. 867-886, jul./dez. 2014. Disponível em: <http://www2.pucpr.br/reol/index.php/rf?dd1=14602&dd99=view> (acesso em 08/01/2015).
- VILLELA-PETIT, M. P. *Platão e a poesia na República*. In: Kriterion: Revista de Filosofia, vol. 44 n° 107 Belo Horizonte, junho de 2003. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-512X2003000100005&script=sci_arttext (acesso em 08/01/2015).